



VIVA A GLORIOSA LUTA ARMADA DO POVO IRMÃO DE MOÇAMBIQUE!

VIVA MOÇAMBIQUE INDEPENDENTE!

Declaração do comité directivo da FREP
de Faro acerca da independência de Moçambique.

Hoje, dia 25 de Junho, transcorridos 10 anos e 9 meses após o começo da luta armada sob a direcção da FRELIMO e do seu eminente dirigente, o camarada Samora Machel, o povo moçambicano alcança a independência do seu país.

A Independência de Moçambique constitui uma grande vitória do povo moçambicano e do povo português. Foi à custa dos jovens soldados portugueses que serviam de carne para canhão na injusta e criminoso guerra de rapina e genocídio, que os colonialistas portugueses, paus-mandados dos interesses imperialistas estrangeiros, assassinaram milhares de homens e mulheres, velhos e crianças, mantiveram um regime de exploração desenfreada; de opressão sufocante e de repressão sangrenta. Foi à custa da luta dos dois heróicos povos, que hoje se avista a independência de um país, a libertação de um povo, ao término de uma guerra injusta e criminoso, a paragem da máquina de guerra que nos trouxe a morte, a mutilação, a dor e o ódio ao colonialismo.

Mas a libertação de um povo e a independência de um país só foi possível devido ao povo moçambicano ter um guia que lhe iluminasse o caminho, ter uma vanguarda consciente e organizada que a todo o momento soube dar as directivas políticas e militares adequadas, ter-se unido à FRELIMO como unha com carne e ter escolhido um dirigente que continuasse o trabalho do seu querido filho, Eduardo Mondlane, então presidente da FRELIMO; assassinado pelos colonialistas portugueses; ter sabido depositar confiança no seu mestre, no seu educador, no seu bravo combatente Samora Machel.

Mesmo depois do 25 de Abril, ao aqui-assassino colonial Spínola, venerado por todos os "democratas", "socialistas" e "comunistas" como "salvadores da pátria", e à sua política federalista o povo moçambicano teve que opor, sob a direcção da FRELIMO, uma luta tenaz que o fez continuar a luta, não de pôs as armas para negociações como o pretendia o actual presidente da República, general Costa Gomes, teve que desmantelar o golpe contra-revolucionário de 7 de Setembro de 1974 em Lourenço Marques e impor os acordos de Lusaka, plataforma a partir da qual se iniciou o processo de descolonização que tem como fim a independência do seu país.

Nós achamos que comemorar a data da independência de Moçambique é um acontecimento histórico de grande importância. Há alguns oportunistas, aqueles que há bem pouco tempo promoveram uma semana de "solidariedade" com o povo angolano, que também agora se preparam para "comemorar" o 25 de Junho. Mas há comemorações e "comemorações". Nós, para além de assinalarmos as datas, procuramos extrair o significado histórico desse acontecimento, procuramos dizer aos estudantes que para o povo moçambicano alcançar a paz teve que se unir em torno da sua vanguarda, teve que pegar em armas para expulsar o colonialismo e desse modo alcançou a vitória. Os oportunistas comemoram as datas sem extrair o significado das mesmas, sem indicar aos estudantes (e não só) o caminho traçado pelos povos das colónias-lutar de armas na mão para expulsar os colonialistas.

Comemorar a data da independência de Moçambique é levantar nos a bandeira da luta pela paz, é combater por todas as formas a política do governo português que mantém o exército de ocupação em Angola para prosseguir os seus interesses neo-colonialistas, é fazermos ouvir as honestas justas palavras da ordem de "nem mais um embarque", "regresso dos soldados"; é colocarmo-nos



lado dos camaradas soldados e marinheiros que se recusam a embarcar (caso de algumas companhias de Lisboa e Espinho). Não fazer-se atrevidos, como o fazem os oportunistas, não procurar atrelar o povo (em particular os estudantes) ao carro da guerra neo-colonial em Angola, não apregoar o pacifismo burguês.

Comemorar a data da independência de Moçambique é levantar a bandeira da luta contra a repressão fascista e social-fascista, é colocarmo-nos ao lado da vanguarda consciente e organizada do povo português, é lutar pela libertação daqueles que, como Samora Machel, nos indicam o caminho a seguir (luta dura, vida simples, pensamentos elevados; a via da tomada do poder pelas armas). Não exigir-se a repressão sangrenta sobre os melhores filhos do povo português, não apregoar-se até à exaustão a unidade do povo com as forças armadas da burguesia (que integram assassinos coloniais do tipo Jaime Neves responsável pelos massacres de 21 aldeias do Sul de Fete (Moçambique) entre as quais a famosa Mirimau, massacre denunciado pelo padre Hastings e "negado" por Marcelo e Jaime Neves...), não apontar-se a via da descoberta do caminho marítimo para o "socialismo".

Comemorar a data da independência de Moçambique é levantar a arma da organização da luta anti-colonial, é apelar para a constituição de centenas e centenas de comités de luta anti-colonial, é prepararmo-nos para enfrentar organizados a burguesia "democrática" que prepara a guerra e os seus instrumentos humanos (nos, futuros, rurais ou oficiais milicianos). Não proclamar que a guerra acabou, que já não é preciso lutar, que devemos ir para Angola, Timor ou Cabo Verde "cassar os espíritos" e "defender os interesses desses povos dos quais nós somos moralmente responsáveis".

Esta é a via que apontamos aos estudantes de Faro, este é o caminho que temos condição que as massas trilhem.

VIVA MOÇAMBIQUE INDEPENDENTE!

MORTE AO COLO-ITALIANO E AO NEO-COLONIALISMO!

DESMASCAREMOS OS OPORTUNISTAS!

LIBERTAÇÃO IMEDIATA DO CAMARADA ARNALDO MATOS E DE TODOS OS ANTI-FASCISTAS PRESOS!

O POVO VENCERÁ!

Faro, 25 de Junho de 1975

Comité directivo do FNEP de Faro

XXXXXXXXXX